

MULHERES EM TRANSIÇÃO NOS EUA HOJE: ESCOLHAS E CONFLITOS*

*Joseph P. Cangemi***

Abstract: This article concerns itself with the current state of transition in which we find a great number of women in the United State. The traditional role of women, wife, mother, homemaker is fast disappearing. The new awareness of women of their talent and potential for success in the business world has developed a perspective virtually unknown amongst women barely two decades ago. While numerous women today are focusing on careers outside the home, they have found that it is not a simple matter is going to school, becoming educated, and getting involved in a career. A company and career choice, women are finding, are numerous conflicts. This article explores some of these conflicts, as well as the treatment of women in society, particularly in the workplace. Research and observations are presented to give the reader a balanced view of the choices and conflicts facing women today in the United States.

Resumo: Este artigo preocupa-se com o atual estado de transição em que se encontra um grande número de mulheres nos Estados Unidos. O papel tradicional da mulher, como mãe, esposa, dona de casa está desaparecendo muito rapidamente. A nova consciência da mulher sobre seu talento e potencial para o sucesso no mundo dos negócios acabou gerando uma perspectiva que há vinte anos atrás era virtualmente desconhecida. Na medida em que muitas mulheres hoje em dia têm centrado sua vida em carreiras fora do lar, começaram a descobrir que não era um mero problema de ir para a escola, educar-se e envolver-se com uma profissão. As mulheres estão descobrindo que a escolha de uma companhia e de uma carreira gera muitos conflitos. Este artigo explora alguns desses conflitos, bem como o tratamento da mulher na sociedade e particularmente no lugar

*Traduzido por Fernando A. Leite de Oliveira e Mário Magnusson Júnior, do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal de Uberlândia e Antonio L. de Oliveira Neto.

** Professor de Psicologia, Western Kentucky University.

de trabalho. São apresentadas pesquisas e observações para dar ao leitor um balanço das escolhas e conflitos com que se defrontam as mulheres atualmente nos EUA.

Hoje em dia, a mulher se encontra em um inevitável estado de transição. Os papéis tradicionais para as mulheres (esposa, mãe, dona de casa, trabalhadora em meio período) estão sendo desafiados, em todas as frentes pelas forças sociais, políticas e econômicas. Com o Movimento Feminista, já há algumas décadas, boa parte das mulheres começaram a se sentir desconfortáveis nos papéis tradicionais quando começaram a agir fora dos contextos mentais para os quais foram socializadas.

As mulheres hoje com mais de 40 anos, foram educadas por pais que acreditavam que os papéis apropriados para elas deveriam ser os de cuidadoras, responsáveis pela alimentação e pelo estio emocional para seus maridos e filhos. A mulher deveria "estar à disposição" e colocar seus talentos a serviço das necessidades e desejos dos outros. Muitas cresceram na crença que seriam felizes nos papéis de esposa, de mãe e de dona de casa. Outras, no entanto, por desejo ou por necessidade, entraram no mercado de trabalho. Estas, com freqüência, acabaram conseguindo emprego em tempo integral, não conseguindo, por outro lado, desempenhar o papel de dona de casa para os quais foram treinadas. A ideologia inconsciente e sutil a que Bem e Bem (1970) faz alusão não permitiu, de certa forma, para a mulher, a liberdade de fazer escolhas independentes sobre os papéis que ela deseja desempenhar na vida.

A ideologia inconsciente e mais genérica seria aquela em que as mulheres são consideradas inferiores aos homens. A Bíblia proclama que a mulher foi criada de uma costela de Adão e uma oração do Alcorão diz "Obrigado meu Deus porque eu não nasci uma mulher". O status da mulher como inferior ao homem está impregnado em boa parte da sociedade de formas não perceptíveis. Goldberg (1968) pediu para que estudantes universitários classificassem uma série de artigos de diferentes campos de conhecimento. Artigos idênticos foram atribuídos, em alguns casos, a homens, e em outros, a mulheres. O mesmo artigo recebeu significativamente piores classificações quando o autor era identificado como mulher, sugerindo a existência de um viés inconsciente contra elas. Em um outro estudo parecido, Deutsch e Gilbert (1976) solicitou que 128 universitários descrevessem seu conceito de self, seu self ideal, seu conceito ideal do outro sexo e suas crenças sobre o ideal do outro sexo. Os autores descobriram que os conceitos de papel sexual da mulher em relação ao self, ao self ideal e suas crenças sobre os desejos do sexo oposto eram muito dessemelhantes, enquanto que os

dos homens eram altamente semelhantes. Estas descobertas sugeriam que as mulheres manifestam conflitos a respeito do que elas são, do que elas desejam ser, e o que elas acreditam que os homens esperam que elas sejam - conflitos que os homens parecem não compartilhar.

As mulheres têm sido forçadas por diversas tendências a desempenhar papéis para os quais não estavam preparadas. Com o aumento da inflação, muitas mulheres foram se juntar à força de trabalho para ajudar no sustento do lar. A necessidade de arranjar um emprego passou a existir para as famílias com pai e mãe como para as mães solteiras. O número de mães sem marido aumentou em virtude do incremento da taxa de fracasso do primeiro casamento acima de 35 por cento. De acordo com os censos realizados entre 64 e 85, o número de mulheres cabeça do lar aumentou de 7,4% em 1960 para 23,2% em 85. Entre 1950 e 1980, o número de famílias tendo a mulher como cabeça do lar aumentou mais dos que três vezes para as famílias de brancos e seis vezes para os negros (Wojtkiewicz et al., 1990). As taxas da mulher como cabeça do lar que tinham-se casados neste mesmo período cresceu 250% entre 1950 e 1980. Para as mulheres que nunca casaram, o índice de ser cabeça do lar aumentou em 1.200% para as famílias de brancos e em 1.800% para os negros durante o mesmo período (Wojtkiewicz et al, 1990).

Com tais tendências, as mulheres acumularam muitas desvantagens econômicas. Northrop (1990) acredita no aumento de taxas de pobreza em mulheres cabeça de família. Garfinkel e Mc Lanahan (1986) descobriram que aproximadamente metade das famílias com crianças tem fontes de recursos que ficaram abaixo da linha oficial dos EUA. Para as minorias, o problema é ainda maior: é mais comum existir família negra com mãe e criança do que família negra com pai e mãe (Wojtkiewicz et al., 1990). Além do mais, mulheres pertencentes a minoria que são "cabeça do lar" parecem ter empobrecido (Garfinkel & Mc Lanahan, 1986). Isto não quer dizer que a mulher como "cabeça do lar" esteja desaparecendo (Wojtkiewicz et al., 1990). Bumpass (1984), por exemplo, acredita que este fenômeno persistirá por todo este século.

Assim, os fatores econômicos empurraram as mulheres em uma nova direção. A diminuição dos recursos naturais tem mostrado que a ocupação do planeta não será mais como foi no passado. Loring & Otto (1976) apontaram uma nova ênfase na saúde mental como outra importante razão que impele as mulheres a repensar sua vida. A partir de Freud e depois com Dewey, Horney e Erikson, as mulheres têm-se realizado com seus filhos e incentivadas a ter sua independência. Do mesmo modo, com "Minha Década"

(Wolf, 1976) e as teorias populares do sucesso do Leste Americano, como as de Berne, Ellis e Erthard, as mulheres têm falado que são responsáveis por e para elas. Assim, se não estão satisfeitas com suas vidas, somente elas próprias são culpadas; elas devem fazer aquilo que as façam se sentir bem sobre elas próprias. Elas devem aproveitar as oportunidades e, em última instância, são responsáveis por sua própria felicidade (Bartleson & Cangemi, 1983). As mulheres estão começando a se convencer que o tédio não é um pré-requisito da condição humana.

Com todas essas pressões e/ou oportunidades, por que as mulheres não têm conseguido grandes progressos? Uma razão é que a socialização com respeito ao sucesso e ao desempenho é diferente para homens e mulheres. Os homens muito cedo pensam no desenvolvimento de sua competência e nas habilidades necessárias para o domínio do ambiente (Komarovsky, 1950). As mulheres, por outro lado, imaginam controlar o seu ambiente através da filiação e da dependência aos outros (Hoffman, 1974a). Eagly e Stephan (1984) descobriram que as mulheres demonstram características à de ser mais comuns, menos assertivas e menos motivadas para o domínio que os homens. As mulheres são inclinadas a aceitar que a feminilidade e o desempenho acadêmico são incompatíveis, enquanto que os homens pensam desde o seu nascimento que a sua realização humana e masculina são a mesma coisa (Mink, 1973). As mulheres encontram-se, de certa forma, num "beco sem saída". Se ela melhora sua competência, piora sua feminilidade. Quando sai dos padrões tradicionais relativos aos papéis sexuais e melhora no sentido sua competência, isto costuma ser acompanhado por ansiedade, culpa e incerteza. Um exemplo deste fenômeno foi encontrado na segregação educacional. Professores, pais e os meios de comunicação desencorajam as mulheres em se engajar em cursos não tradicionais através de mensagens estereotipadas. Assim, poucas mulheres seguem cursos de matemática e ciências, eliminando, desta forma, oportunidades de empregos (Chatterjee & McCarrey, 1989). Por outro lado, Howard e outros (1986) mostraram que o número de mulheres doutores em ciências e em engenharia aumentou de 6,3% em 1960 para 26,3% em 1984.

Barnett assegura que a identificação com os papéis sexuais da figura parental do mesmo sexo seria uma força positiva no desenvolvimento. Os papéis sexuais, entretanto, têm hoje status desiguais. Kagan (1964) aponta que tanto meninos como meninas percebem seus pais como sendo pessoas mais espertas e fortes que suas mães. A auto-imagem das meninas que se identificam com suas mães pode ser enfraquecida porque o modelo de papéis escolhidos pelas meninas não é aquele que elas almejam como o mais competente. Putnam e Hansen (1972) descobriram que papéis femininos

e auto-conceitos eram significativamente associados com a maturidade vocacional. As mulheres têm um auto-conceito mais baixo que os homens, em parte, devida à fraca estimacão de sua competência. Haring e outros (1983) apresentam uma outra explicacão. De acordo com sua pesquisa, as mulheres com papéis tradicionais de trabalho acreditam que os papéis não tradicionais no trabalho são incongruentes com seu auto-conceito. Baruch (1972) chegou à conclusão que as mulheres cujas mães não tinham trabalhado tendiam a desvalorizar a competência feminina. As mulheres que não foram expostas a modelos maternos de competência no trabalho definem a realizacão no trabalho como sendo masculina. Se as mulheres trabalham, mas experimentam papéis conflitivos, provavelmente suas filhas não irão combinar os papéis do lar com um trabalho competente. Outros estudos (Feather, 1969; Deaux & Emswiller, 1973) delinearam conclusões similares. Com a diferente socializacão da mulher, muitas desenvolvem menos confianca em suas habilidades, menor independência e mais baixa auto-estima que o homem. Assim, uma mulher desempenha bem uma tarefa quando é mais propensa a atribuir seus sucessos à sorte do que às suas habilidades ou inteligência. Uma vez que lhe possa faltar confianca e auto-estima, uma mulher é mais vulnerável do que o homem a ter medo de falhar. Mesmo quando certas ocupações estão disponíveis, ela pode aspirar menor prestígio e satisfacão por causa desses fatores psicológicos.

Outra explicacão sobre a falta de sucesso das mulheres é descrita pela noção de Horner (1972) que aponta para o medo do sucesso em funçao da necessidade de sentir e parecer feminina. O sucesso envolve características masculinas de desempenho motivacional, trazendo rejeição social. Segundo a teoria, há basicamente dois tipos de realizacão motivacional: a realizacão motivacional autônoma, originada de padrões pessoais internos, e a realizacão motivacional por comparacão social, ativada por respostas a padrões de excelência estabelecidos pelos outros (Hoffman, 1972). Na prática infantil, os meninos desenvolvem uma forte realizacão motivacional autônoma, e as meninas tornam-se mais receptivas às insinuações externas ou padrões de comportamento apropriados que direcionam para a realizacão. As mulheres com carência interna de motivacão autônoma tornam-se mais sensitivas a respostas sociais. As mulheres vulneráveis são motivadas pela necessidade de afiliação. O encorajamento e o apoio por parte de seu parceiro desempenha um papel vital no sentido de levá-la para ocupações não tradicionais (Chatterjee & Mc Carrey, 1989). Também afetando esta decisao, é percebido o apoio dado pelos homens: pais, irmãos, namorados, maridos, etc (Honser & Garvey, 1983). Nesta direcao, Stringer e Duncan (1985) descobriram que mulheres desempregadas que não consideravam ou buscavam empregos não tradicionais em funçao do

desencorajamento de amigos e da família. Mulheres treinadas para ocupações tradicionais acreditam que seus parceiros têm características de papéis sexuais tradicionais, ao passo que mulheres treinadas para papéis não tradicionais têm atitudes mais igualitárias para o sexo no que concerne ao seu parceiro ou a elas próprias (Chatterjee & Mc Carrey, 1989). Gordon e Hall (1974) acham que se uma mulher acredita que o seu desempenho será tratado com um significado masculino, provavelmente ela irá sacrificar sua competência e atividades relacionadas ao desempenho. Diversos estudos têm feito alusão a que a mulher tende a se afastar da competição. Barnett (1975) encontrou que quanto mais alto o prestígio de uma ocupação, é mais provável que seja aspirada por homens e que a mulher lhe tenha aversão. Assim, as mulheres estão subrepresentadas em cargos que são potencialmente mais bem pagos nas áreas técnicas, do comércio e da indústria e nos cursos de treinamento para tais cargos (Chatterjee & McCarrey, 1989).

O longo treinamento em passividade e dependência pela mulher representa um alto custo na sua motivação global para realizar e buscar caminhos novos e independentes, para enfrentar o desafio de problemas e ainda sem solução (Bem & Bem, 1970). A socialização da mulher não favorece a sua singularidade. Seus talentos, educação e habilidade, interesses e motivação freqüentemente, parecem irrelevantes. Existe uma pequena dúvida de que a identidade única da mulher determine mais a periferia de sua vida do que o seu núcleo.

Friedan (1962) tentou abrir os olhos das mulheres americanas para a possibilidade de realizar suas próprias necessidades singulares. As mulheres responderam, no entanto, pelo simples engajamento em carreiras com papéis socialmente prescritos, acreditando que assim estavam se ajudando. No entanto, estava tão enraizada sua crença sobre sua incorporação de seu papel de esposa-mãe, que foi difícil eliminar qualquer parte desse papel sob a pena do papel ter outro significado. Os anos 60 e 70 produziram as supermulheres que tentavam ser a esposa e a mãe perfeitas e fazer carreira num desses papéis. Com o alarmante número de casamentos destruídos, as crianças foram sacrificadas, e as carreiras também, tomando-se claro que alguma coisa tinha mudado. A despeito do movimento feminista, as mulheres perceberam a impossibilidade de ser tudo para todos. O casamento igualitário tem sido uma comunhão de responsabilidades, como aponta de Bem e Bem (1970), mas a igualdade matrimonial ainda não foi conquistada. Os maridos ainda estão propensos a dizer: "eu ajudo minha mulher em seus afazeres domésticos" ou "eu rejeitei um emprego para ficar em um lugar no qual a minha esposa possa trabalhar em meio período, de modo que ela possa ficar em casa enquanto as crianças estão lá". Experiências como essas de esposas

no casamento, demonstram a cultura da socialização feminina. Bem e Bem (1970) afirma que um indicador do sucesso da cultura em guardar as mulheres "em seus lugares", é visto como um lugar comum, no qual as mulheres idolatram seus maridos por permitir que ela permaneçam em uma carreira desde que esta não seja inconveniente para a carreira do marido.

As mulheres devem fazer algumas escolhas. Muitos compromissos difíceis têm colidido com o casamento, a família e a carreira, de forma tênue. Infortunadamente, as soluções são complicadas e demoradas para se atingir. Os homens têm superado sua própria socialização. As mudanças das mulheres levam-nas a competir com os homens e repensar seu relacionamento não somente com relação às mulheres, mas à estrutura de poder da sociedade como um todo (Janeway, 1973). Com a busca de carreira pelas mulheres, os homens devem mostrar sua própria passividade, sua falta de motivação, iniciativa e fraqueza. Assim como a mulher é parte necessária na vida do homem, para validar suas emoções e interpretar suas experiências, ela desiste de ser uma pessoa por si mesma. No entanto, como as mulheres têm conquistado espaço no mundo masculino, eles as conceituam como sendo "a outra". Uma segurança para a fraqueza do homem é a garantia da posição inferior das mulheres. Janeway (1973) sugere que as mulheres devam continuar sendo o "segundo sexo" ao invés de se intitular o sexo frágil. Os tempos estão mudando e novas estruturas estão se formando. As mulheres estão num estágio de mudança e transição. Internamente, elas estão inferiorizadas em função de sua auto imagem negativa (que é sua herança cultural). Externamente, elas devem combater o viés cultural contra as mulheres, considerando-as "menos que" os homens, num mundo masculino do trabalho onde elas não compreendem as regras.

Para erradicar completamente este perverso papel desprezível endereçado às mulheres, a sociedade como um todo deve tomar uma decisão coletiva. Mink (1973) acredita que não deveria ser necessário uma emenda da igualdade de direito se a Suprema Corte tivesse decretado que as mulheres são pessoas. Infelizmente este desejo nunca se concretizou. O desafio é grande para advogar a causa das mulheres. De início, para advogar esta causa seria necessário auxiliar as mulheres no desenvolvimento de um relacionamento positivo entre feminilidade e auto-estima (Barnett, 1975). Por outro lado, os que trabalham em aconselhamento deveria ajudar as mulheres a procurar os caminhos que diminuíssem a discrepância entre como elas se vêem, como elas pensam que os homens desejam que elas sejam e como elas gostariam de ser (Deutsch & Gilbert, 1976).

QUESTÕES RELATIVAS À MULHER CONTEMPORÂNEA

Casamento/Celibato. As tendências estão mudando. As mulheres colocam como prioridade casar, estabelecer-se e ter filhos. Hoje, entretanto, muitos pais estão encorajando suas filhas a fazer o que os homens sempre fizeram: conquistar uma carreira, ter estabilidade, ter prazer e pensar em acomodar-se no casamento e constituir família. A opção em não se casar, existe, mas não é freqüentemente exercida. Tradicionalmente, têm sido usadas palavras de baixo calão para as mulheres que fizeram opção para se manter solteiras, chamando-as de solteironas, titias, pervertidas, enalhadas, sapatonas, avulsas, excêntricas, etc.. Os homens que fazem a mesma escolha são vistos como tendo nível de elite. Viver só pode ser visto como uma oportunidade para ter independência e criatividade, ou como forma de alienação e desespero, dependendo da atitude da mulher (Loring & Otto, 1976). Uma mulher solteira pode se perceber como uma pessoa forte e autônoma, seguindo um caminho desejável, ou como uma estranha indesejável a quem falta habilidades, imaginação e potencial criativo. Osborn (1983) sugere que viver sozinho pode ser uma aventura excitante. As mulheres que escolheram tal opção precisam, de certa forma: 1) ter crédito pessoal; 2) ter posição favorável num banco local; 3) comprar um carro no seu próprio nome; 4) ter dinheiro no banco para as emergências; 5) manter amizade com pessoas de confiança e que possam ajudar; 6) conhecer dois ou três lugares em que possam se socorrer em caso de necessidade; e 7) ter renda suficiente para fazer face a suas despesas básicas.

Bernard (1971) aponta evidências dramáticas sobre o impacto benéfico do casamento na vida mental e emocional dos homens e o desastroso efeito na vida das mulheres. Bem e Bem (1970) asseguram que em função de longos anos de treinamento em passividade e dependência, as mulheres podem ser ouvidas com um suspiro de alívio quando elas são "escolhidas" por um homem. Seria como um relaxamento final. A mulher casada, particularmente, doméstica e dona de casa nos EUA, mostra mais sintomas neuróticos que outros grupos sociais (Bernard, 1971). Manis (1976) associa o casamento para a mulher com o processo de desagregação em pessoas mais idosas. Casando-se. Desta forma, muitas mulheres perdem associações interpessoais e funções sociais. Elas podem terminar aprendizagens, empregos, trabalhos, vários tipos de contactos com outras pessoas, etc. A devoção exclusiva ao marido e aos filhos pode se transformar em servidão a todos os membros da família. A mulher, em questão pode se ressentir de sua dependência, dos envoltimentos do marido fora do lar, e do seu sentimento de isolamento social. Para preservar o casamento, Manis sugere que a mulher estabeleça objetivos e se envolva em atividades. Obviamente, o casamento

não tem necessariamente efeitos desastrosos na mulher. A satisfação que a intimidade de um relacionamento amoroso duradouro fornece é provavelmente algo sem igual nas relações humanas.

No passado, o casamento era uma necessidade econômica para a mulher. Como a maioria das mulheres não tinham meios de se manter, restava-lhes pouca escolha de viver sem um homem. No entanto, com o aumento da educação, as mulheres não necessitavam mais de homens pelas razões anteriores. Uma vez que o costume e a tradição já não eram tão poderosos para governar o comportamento masculino-feminino, a decisão de casamento entre um homem e uma mulher, passou a estar neles próprios (Loring & Otto, 1976). Hoje, se a relação não é mais de nutrir e sustentar, os casais não precisam mais ficar juntos como necessidade econômica.

Quando uma mulher casa ela precisa decidir se vai ter filhos e/ou se vai seguir uma carreira. Cada decisão subsequente acarretará novas possibilidades de satisfação - e de dúvidas e complicações adicionais. Podemos prestar atenção agora para a decisão que vem depois do casamento: a questão dos filhos.

Filhos. A cultura dos EUA tem tradicionalmente sido orientada para os filhos, e até recentemente, qualquer mulher casada que estava capacitada a assumir a sua fertilidade, ela o fazia. Com um ano ou dois depois do casamento, os avós possivelmente colocavam uma sutil pressão nos casais novos. Entretanto, os tempos estão mudando. Algumas evidências sugerem que tem havido mudanças na orientação para a maternidade nos EUA, talvez devido a muitos pais sentirem suas necessidades serem negligenciadas enquanto suprem a de seus filhos. Um indicador disso aparece nas publicações de Ann Landers, onde 70% das respondentes disseram que não teriam filhos se tivessem nova chance. As mulheres em maior número que antes estão postergando sua maternidade, às vezes, indefinidamente em função do trabalho, das necessidades econômicas ou da descoberta de seus talentos. As taxas de fertilidade e nascimento compiladas por HEW indicam que têm diminuído na história americana: 68,4 nascimentos para cada 100 em idade fértil (15 a 44 anos) em 1984 (Resenha Estatística dos EUA, 1985). Este número é consideravelmente baixo desde o pico durante o pós guerra que foi de 122,6 em 1957. Atualmente a taxa de natalidade é a mais baixa nos EUA: 14,8 por mil. Muitas mulheres ao se casarem tem postergado sua maternidade até aproximadamente os 30 anos; 19% das mulheres adultas americanas resceceadas no início dos anos 80, disseram querer ter um só filho. A expectativa da maioria era ter mais que um filho (McBride, 1978).

A esterilidade, freqüentemente, representa um estigma em várias culturas. Admitindo-se que um dos dois num casal, não deseja filhos, este acaba sendo considerado como um "não-americano". Veevers (1973) descobriu que muitos casais fizeram um pacto oculto de não ter filhos, adiando até ficar óbvio para ambos que não queriam ter filhos. Alguns casais se resguardam de parentes e se defendem contra o estigma da fertilidade, partindo para a adoção. Dizem para si próprio e para observadores curiosos que adotarão uma criança no futuro.

Talvez o fator que afeta diretamente a taxa de nascimento infantil é a ascensão na carreira feminina. As barreiras que acometem a carreira da mulher são arroladas e com a possibilidade em receber recompensas salariais e melhorias de promoção, a tentação para as mulheres de deixar o emprego no mercado de trabalho, será menor (Hoffman, 1974b). Também, como as carreiras para as mulheres tomam-se mais comum, a visão estereotipada de que estas não representam um papel feminino está sendo enfraquecida. Conseqüentemente, com a sua carreira, a mulher pode ter sua feminilidade menos pressionada pela maternidade.

Sob tais condições, algumas mulheres trabalhadoras escolhem não ter filhos desde que elas obtenham satisfações alternativas em suas carreiras. Tem-se sugerido que as mulheres que trabalham perdem a sua fertilidade. Algumas mulheres param de ter filhos por não terem pessoas para tomar conta deles. Mesmo que isto mude e o marido participe mais nos afazeres domésticos, a maternidade pode não decrescer como resultado do emprego feminino, fora do lar.

Carreira: A questão da carreira, especificamente no lar versus fora dele, é um dos dilemas que mais pressionam a mulher contemporânea, particularmente quando ela optou pelo casamento e pelos filhos. Hill (1979), Hudis (1976) e Peterson (1989) conduziram pesquisas nacionais mostrando que a responsabilidade familiar simula ganhos. A mulher casada com filhos tem menor ganho que a solteira ou a mulher sem filhos (Peterson, 1989). Os empregadores preferem mulheres solteiras e sem filhos porque elas abandonam a firma com menor freqüência, por razões familiares (Saibert & Sloan, 1981). Eles acreditam também que a mulher idosa, solteira ou sem filhos, muda o status marital e paternal menos freqüentemente. Portanto, parece que os empregadores discriminam baseados no status marital e paternal da mulher (Peterson, 1989). O dilema para uma mulher toma-se, "devo ficar em casa e providenciar alimentação para o meu marido e filhos, ou possuir uma carreira e correr o risco de negligenciar ou prejudicar minha família?".

Em 1960, 28% das mulheres que tinham filhos menores de 18 anos estavam no mercado de trabalho. Em 1990, a porcentagem cresceu para 68% (Solomon, 1990). Não obstante, as mulheres são encorajadas a ficar no lar com a noção de que o maior prazer advém da satisfação das necessidades dos outros, construindo um lar, promovendo a saúde dos filhos, e o prazer de seus maridos. Argumenta-se que as mulheres têm liberdade de escolher o que elas querem; e que elas estão psicologicamente melhor situadas do que os homens, nos afazeres do lar e nos cuidados com os filhos; e que o papel de doméstica é complementar, mas igual à da carreira dos homens. Do outro lado da moeda, argumenta-se, que pela idade média da mulher ser 33 anos, tudo o que de mais importante devem fazer é entretê-la. 43% das horas do trabalho doméstico, são gastas em atividades que comandariam o tempo livre para o mercado aberto de trabalho que é o que se estabelece como mínimo federal de horas para o trabalho industrial (Bem & Bem, 1970).

Algumas mulheres queixam-se de isolamento social e expressam sentimentos de ciúmes por seus maridos que estão fora do lar onde coisas excitantes podem estar acontecendo. Muitas dizem que seus maridos as superam, que as experiências e as oportunidades que os homens encontraram propiciaram novas habilidades e pontos de vista que eles não podem compartilhar com suas esposas. Muitas mulheres que vivem no lar ressentem da rotina de seu trabalho, assim como o fato de que seu talento, educação, habilidades, interesses e motivação parecem irrelevantes para aquilo que fazem.

Tanto as donas de casa insatisfeitas, como as mulheres que desde o começo descobriram que as tarefas do lar não as satisfariam podem acabar se voltando para o mercado de trabalho. Para uma mulher casada, com filhos, a decisão de ter uma carreira aumenta o problema de tomar conta dos filhos e dividir o trabalho do lar. Muitas mulheres sentem-se culpadas em deixar os filhos, particularmente os menores, em creches ou na casa de outras pessoas. Muitas pessoas reforçam a culpa ao sugerir que uma mulher que larga seus filhos, é egoísta e negligente. Se o dinheiro não é problema, pode existir a possibilidade de contratar estudantes ou pessoas idosas para tomar conta de seus filhos. Algumas mães sentem menos culpa se seus filhos podem ficar nas suas próprias casas. Da mesma forma, se o cuidado com a criança é feito adequadamente, há envolvimento em atividades como assistir crianças na escola, ser líder de escotismo, e ser presidente da Associação de Pais e Mestres, atividades que muitas vezes podem ser abandonadas. Portanto, as mulheres lutam com problemas relativos a como gratificar seus próprios interesses em face das necessidades familiares.

A despeito da culpabilidade que muitas mulheres experimentam, há pouca evidência para sugerir que os filhos estejam atualmente dando prejuízo pelo trabalho de suas mães. Cherry e Eaton(1977) estudaram filhos de famílias de baixa renda como possível deterioração da família pelo trabalho dos pais fora do lar durante os três primeiros anos de vida dos seus filhos. No acompanhamento do oitavo ano, os filhos de mães que trabalhavam ou não trabalhavam foram comparados nas dimensões de peso e altura, quociente de inteligência, habilidades de ler, escrever e contar. O desempenho dos filhos de trabalhadoras foi o mesmo dos não-trabalhadoras. Do mesmo modo, o resultado obtido entre 30 crianças de pais trabalhadores e não-trabalhadores, 27 favoreciam o trabalho de suas mães. As mulheres que aceitam que a mãe deve ficar na cozinha cuidando dos assados pensam que seus filhos parecem sentir menos medo de um desenvolvimento psicológico se elas fossem trabalhar. O que parece mais importante é que a quantidade de tempo gasto com seus filhos representa menos que a qualidade de sua interação. Um dos desejos de uma mãe infeliz que trabalha no lar e não pode superar suas necessidades com uma carreira fora do lar transforma-se numa felicidade quando ela pode no final do dia passar algumas horas com seus filhos.

Assumindo-se de que os cuidados adequados aos filhos podem estar sendo tomados durante as horas de trabalho, o próximo problema a ser levantado envolve a questão de quem irá assumir as responsabilidades do lar e para a família depois das horas de trabalho e nos fins de semana. Uma solução é o marido repartir os trabalhos domésticos e o cuidado com os filhos. Esta solução exige mudanças de atitude de ambas as partes, dos homens e das mulheres. As mulheres empregadas não são necessariamente mais liberais em suas idéias a respeito do comportamento "apropriado" para o homem ou para a mulher. Da mesma forma a mentalidade dos homens está começando a fazê-los participar mais nas responsabilidades com o trabalho do lar e da família (Bernard, 1975). Uma atividade a mais, envolvendo o desempenho da paternidade é compatível com a noção de responsabilidade feminina da guarda dos filhos. Desde que, o impedimento machista com a mulher, e as mudanças pareçam não se tornarem improváveis. Além disso, Pisabatino(1976) prediz que as mulheres continuarão a ter paciência no complicado trabalho de cuidar dos filhos pelo próprio relacionamento biológico com os recém-nascidos.

Indubitavelmente, as mulheres gerenciam dois grandes compromissos da vida sofrendo com isso muito stress. Elas relatam que quando outros membros da família as ajudam em tarefas domésticas, o fazem como se estivessem fazendo um enorme favor. As mulheres freqüentemente

acham que insistir nos seus direitos, e ser assertivas pode conflitar com suas necessidades femininas de ser amorosa e generosa.

Outro país que parece estar na frente dos E.U.A. pela repercussão do trabalho feminino é a Suécia. Fredricksson (1973) relata que até 1960 prevalecia a noção de que as mulheres casadas tinham os mesmos direitos trabalhistas que os homens, e que era natural para as mulheres serem as principais responsáveis pelos trabalhos domésticos e educação dos filhos. De maneira diferente para os homens, as mulheres exerciam um "duplo papel". Esta posição foi criticada e mudada. A nova postura sugere que a igualdade no mercado de trabalho não pode ter expectativas que os homens e as mulheres tenham papéis idênticos no lar. Os pais poderiam dividir o cuidado com os filhos na sua totalidade, assim como as mães, encurtando, porém, o tempo do seu trabalho. Atualmente, a Suécia tem um programa abrangente destinado a modificar a socialização dos filhos. Começa no berçário trabalhando uma literatura com diferentes papéis individuais dentro da família determinados por interesses diferentes dos sexuais. Há um programa de artes industriais no ensino elementar onde os meninos aprendem a tricotar e costurar e as meninas aprendem a manusear ferramentas de trabalho em madeira. Há um programa de educação de adultos oferecido pela Secretaria Nacional do Trabalho completando com incentivos fiscais. Os E.U.A. tem um longo caminho a percorrer da forma atual para a igualdade nos sexos que deveria ser alterada a partir da socialização de suas crianças.

Como até agora as mulheres continuam nos dois maiores desafios da vida, seu poder no mercado de trabalho será diminuído. Pouco, entretanto, tem sido sugerido às mulheres em suas carreiras que vá além de casa e da família. Bardwick e Douvan (1976) avançam com muitas idéias para tratar esta dualidade. Uma possibilidade é a vida comunitária, onde vários adultos combinam seus recursos e inclinações. Para todos seria vantajosa esta versão moderna de vida familiar mesmo que sacrifique a privacidade e a autonomia em função da renúncia. Cooperativas de cuidados infantis, envolvendo um grupo de mulheres seria uma excelente solução para as mulheres que tem poucas horas semanais dedicadas a se tornarem babás.

Um outro tipo de planejamento que tem funcionado para muitos, é um grupo de vizinhos de cinco ou seis famílias que planejam as compras e os alimentos para todas as famílias. Cada família é responsável pela cozinha uma noite por semana. Tipicamente, a família designada chega as seis horas da tarde, com panelas e caçarolas para preparar o alimento das famílias. Este planejamento tem a vantagem de dividir o trabalho sem o sacrifício da privacidade. Uma alternativa para mulheres que trabalham, é contratar um

grupo de adolescentes que são ainda muito jovens para outros tipos de serviços para fazer faxina nas casas da vizinhança. Ainda, uma outra sugestão, que para muitos parece como uma rendição, seria a mulher diminuir suas expectativas na sua carreira, durante uma década que representaria o tempo de criar os filhos. Esta opção deixa os filhos livres de conflitos, mas isto pode significar que eles seriam os responsáveis pelo atraso em dez anos na carreira de suas mães. Algumas mulheres não estão dispostas a fazer tal sacrifício. É, entretanto, raro ser uma esposa amável, uma mãe atenta e uma pessoa com sucesso em sua carreira, simultaneamente. Embora, dividir os cuidados com os filhos possa deixar de existir nas populações no futuro, a opção para uma carreira temporária tem sido uma alternativa mais atrativa para muitas mulheres.

Uma solução transitória para a mulher presa entre a lealdade para com o lar, e o desejo de uma carreira pode ser trabalhar em casa. Geniesse (1974) escreve com perspicácia e humor sobre a sua carreira em trabalhar como escritora temporária fora de sua casa. Ela acredita que as "domésticas" devam ser imunes a distrações e ser seu próprio cronômetro internalizado de suas ações. Ela critica as mulheres que se dizem profissionais do tanque e do fogão. Algumas mulheres, no entanto, acham esta solução insatisfatória por causa de seu isolamento social.

O trabalho em tempo parcial, em empregos com horários de trabalho flexíveis, ou quando duas pessoas dividem o mesmo trabalho, representa uma outra alternativa que tem muitos atrativos, mas que é muito desconsiderado. As áreas de serviço da indústria são as mais prováveis de oferecer serviços temporários e intermitentes. As mulheres conquistam mais trabalhos que os homens nestas áreas, indicando que a segregação sexual existe no mercado de trabalho (Northrop, 1990). O ministro do Trabalho do Canadá (1987) descobriu que aproximadamente 60% das mulheres se empregavam em modalidades tradicionais de trabalho burocráticos, de vendas e de serviços. As mulheres estavam em empregos "menos que o desejável" em serviços industriais, ajudando a ampliar tais serviços (Smith, 1986). Além disto, em um estudo que pesquisava o prestígio ocupacional como função do gênero dos ocupantes, os resultados indicaram que tanto sujeitos masculinos como femininos mostraram de forma significativa taxas mais altas de prestígio quando os ocupantes de uma determinada profissão era homem (Kanekars et al., 1989). Touhey (1974), de forma semelhante, demonstrou a existência de um viés sexual no prestígio ocupacional ao examinar os efeitos do aumento da participação das mulheres em várias ocupações. Aos sujeitos foi relatado que em cinco profissões de alto status, o número de mulheres estava aumentando. As descobertas mostraram que

para ambos os sexos, os índices de prestígio e desejabilidade diminuíram em quatro das cinco profissões quando aumentava o número de ocupantes que eram mulheres. White e outros (1981) tentaram replicar esse estudo mas falharam ao fazê-lo.

Geralmente, a situação determina que a mulher ocupe tarefas de status inferior ao homem, muitas vezes em trabalhos setoriais ou em trabalhos de meio período. Hall e Gordon (1973) descobriram que trabalhadores em tempo integral experimentam maior satisfação do que trabalhadores em tempo parcial. Os de tempo parcial tem mais conflitos e papéis a desempenhar do que os de tempo integral. Os trabalhadores de tempo parcial também relataram ter satisfação mais baixa com seus empregos, mesmo quando mais mulheres preferiram trabalhar em tempo parcial. Uma possível explicação é que o trabalho em tempo parcial é geralmente sem qualquer desafio ou recompensa especial. Para muitos, ele representa um compromisso incompleto entre a carreira em tempo integral e ficar em casa. A opção para dividir um trabalho em tempo integral com outra mulher tem todas as vantagens de um envolvimento parcial mais a possibilidade de um trabalho de nível profissional e desafiador. Infelizmente, convencer os empregadores da utilidade desses argumentos tem sido uma tarefa muito difícil.

Barbara e Phyllis são duas mulheres com mais de 20 anos. Ambas escolheram a direção de combinar o casamento, a família, a carreira e tem o desejo de ficar algum tempo com seus filhos pequenos. Phyllis completou seu grau de mestrado; Barbara está prestes a terminar sua dissertação de Ph.D. Cada uma delas tem uma criança com menos de um ano de idade. Através da combinação de talento e perseverança, Barbara e Phyllis estão dividindo uma tarefa de tempo integral com supervisão e viagens, em que elas não ficam mais do que um dia por semana fora de casa. Com o encorajamento e apoio de seus maridos, e com a ajuda de babysitters confiáveis, elas estão se saindo muito bem.

Uma pequena proporção de esposas e mães que trabalham tem um alto envolvimento com suas carreiras. As pressões e forças na direção contrária são muitas. Mesmo quando todas as responsabilidades e os problemas práticos da divisão de trabalhos são enfrentados, a dicotomia entre a imagem idealizada da feminilidade de uma mulher e os traços de uma pessoa trabalhadora bem sucedida causam problemáticos conflitos de valores. Quando uma mulher age com decisão e assertividade, qualidades que são necessárias para o sucesso no mundo do trabalho, estas ações provavelmente serão interpretadas negativamente porque são contraditórias com a feminilidade tradicional. Shaffer e Johnson (1980) descobriram que os

empregadores possuem uma óbvia preferência por atributos de papéis masculinos. O comportamento assertivo é objetivo, impessoal e dirigido para a solução de problemas. Questões de intimidade e de personalidade, para as quais algumas mulheres respondem prontamente, são vistas como fora de propósito e destrutivas para o trabalho (Bardwick e Douvan, 1976). As pessoas que tem a responsabilidade da liderança não podem evitar o criticismo, a competição e o conflito, todos eles contraditórios com os papéis tradicionais femininos. A liderança muitas vezes acarreta a solidão e o trabalho é intrinsecamente impessoal.

Mesmo as mulheres que através de padrões externos parecem ter-se feito em profissões de prestígio como Direito e Administração universitária, não entraram de fato na elite de suas profissões. As mais talentosas estão oscilando em papéis periféricos ou em postos auxiliares como assistentes especiais da presidência ou como professores adjuntos ou visitantes (Epstein, 1973). Somente 2 % dos altos executivos de 500 companhias registradas na revista Fortune são mulheres (Solomon, 1990). Após empregar uma mulher, muitas esferas de poder determinam-lhe qualquer trabalho de mulher que ela possa fazer. Não existe nada de errado com o "trabalho de mulher", exceto que o sistema usualmente não confere nem honra e nem prestígio para as pessoas que o fazem. Frequentemente as mulheres são verdadeiramente pressionadas para trabalhar em algo que irá satisfazer as necessidades dos outros. Elas pensam que não é apropriado executar qualquer coisa que satisfaça suas demandas primárias no seu tempo de trabalho.

Joan, uma mulher talentosa com mais ou menos quarenta anos, assumiu um posto na alta administração da universidade. Tendo finalmente alcançado uma posição de muita autoridade ela dirigiu suas energias para tentar mudar o sistema, ao descobrir que ela tinha sido realmente ignorada por seus colegas homens. Ela descobriu que a maioria da política de decisões tinha sido estruturada informalmente na hora do almoço para o qual ela não tinha sido convidada. Nas reuniões em que tinha direito a voz, ela era simplesmente ignorada, ou não era levada a sério. Está claro que ela precisava mais do que o vestuário de autoridade para exercer influência.

No mundo dos negócios as mulheres descobriram que para ter sucesso, precisavam "agir como homem". De acordo com Konner (1990), elas não possuem "o instinto de acertar a jugular". Konner afirma, no entanto, que a mulher deveria tentar tomar decisões para mudar o caminho dos negócios de modo que ambos os sexos pudessem ser beneficiados. "De que forma a mulher pode chegar em posições de poder se, nesse processo, nós

temos que ser como assassinos, de ficar psicologicamente no limite, com um instinto "de acertar a jugular"?

Hoje em dia, as mulheres estão achando que não é tão necessário agir como homens para ser bem sucedidas. De fato, esses traços pelos quais as mulheres têm sido discriminadas, estão começando a agir a favor delas. Por exemplo, Altany (1992) refere-se à criação de uma nova e bem sucedida classe de empresários cujo estilo parece ser qualitativamente diferente dos empresários tradicionais. Este novo estilo, mostrado por muitas mulheres é "menos rígido e hierárquico, mais aberto e inclusivo que a abordagem masculina clássica" (Rudolph, 1990). Outras características de estilo incluem falar mais abertamente com os empregados, abrir canais de comunicação de preferência ao monopólio de informações e quase sempre manter aberta a porta do escritório.

De fato, as coisas podem estar mudando para as mulheres. Sutton e Moore (1985) descobriram que 5% dos executivos acreditavam que uma mulher teria que ser excepcional para ter sucesso nos negócios, comparado com 90% em 1965. O estudo indica que a porcentagem de executivos que eram favoráveis a mulheres executivas aumentou de 35% em 1965 para 73% em 1985. Durante esse mesmo período, a taxa de homens que se sentiam bem trabalhando para mulheres aumentou de 27% para 47% (Sutton & Moore, 1985).

Ficar sozinha novamente: As viúvas e as divorciadas. A mulher que fica só depois de um divórcio ou da morte do marido, provavelmente irá experimentar os conflitos e mudanças na carreira profissional. Primeiro, quanto mais cedo ela puder permitir a si mesma chorar sua perda, mais cedo estará apta a prosseguir sua vida. O divórcio é parecido com a morte (Holmes & Rah, 1991). Ambos incluem o fim de um relacionamento e de ajuda, ambos envolvem uma perda de alguém. Mesmo os relacionamentos mais destrutivos tem seus momentos de prazer. A morte e o divórcio são sinais de insegurança, de risco e do desconhecido. Muitas mulheres falham ao prantear suas perdas, dando desculpas de que o desafio do que fazer depois está acima de suas forças. Estas mulheres falham ao realizar a catarse, os efeitos recuperativos do luto que permite a alguém continuar vivendo. Como o processo de luto continua, muitas mulheres precisam tomar decisões mais importantes que as levam a se mexer, arranjar um emprego, voltar à escola, lidar com as crianças, e orçamentos apertados. As mulheres rapidamente descobrem que seus comportamentos costumeiros para enfrentar problemas não são os mais apropriados e que frequentemente elas não foram socializadas para a função de uma pessoa não casada (Aslin, 1976).

Jan divorciou-se recentemente. Ela tinha 4 filhos, o mais velho com 11 anos. Ela casou-se com 19 anos, 2 anos depois de sair da escola e tornou-se uma dona de casa. Ela nunca tinha trabalhado fora de casa e não tinha habilidades dignas de nota. Felizmente seu ex-marido é um médico que pode sustenta-la e aos seus filhos razoavelmente. No entanto, a perda da identidade de seu papel está criando sérios problemas para ela. A maior parte do seu tempo, até então ela tinha gasto em atividades relacionadas a cuidar de seu marido. No começo, ela continuou esta prática, no entanto terminava cada refeição em lágrimas porque seus filhos menores comiam só um pouquinho do prato e diziam que preferiam sanduíche de queijo e sopa a pratos elaborados ou bolos. Jan sofreu com o isolamento por ter de gastar diversos dias exclusivamente com as crianças. Ela não sabia onde ir para encontrar com os amigos e não sabia quem poderia estar interessado em casar com uma mulher com quatro filhos. Suas responsabilidades familiares impediam de viver a vida de uma mulher divorciada despreocupada mesmo se ela tivesse interesse nisso. Agora que ela está divorciada, seus amigos casados estão incluindo-a em sua vida social cada vez menos. Ela experimenta muita depressão e solidão, especialmente em ocasiões dedicadas à família: fins de semana, feriados, aniversários e outras ocasiões especiais. No futuro, ela precisa começar planos especiais ou novas atividades para poder enfrentar melhor tais ocasiões.

Os problemas da mãe que vive só são muitos. A morte e o divórcio quase sempre trazem a perda de um status financeiro. Mesmo quando o dinheiro que entra é suficiente para as despesas, muitas mulheres nunca aprenderam a lidar com o dinheiro e não estão preparadas para isto. Elas precisam abrir crédito em seu nome, fazer apólices de seguro e fazer orçamento.

Outros problemas práticos de mães divorciadas ou viúvas referem-se à manutenção de casa e do carro, áreas que são tradicionalmente enfrentadas pelo "homem da casa". As mães separadas, diante de novas e desconhecidas pressões, enfrentam o desafio de arrumar tempo para estar com seus filhos e administrar sua vida sem a assistência de outro adulto. Loring (1976) sugere que as mulheres precisam aprender a pedir ajuda quando e onde estiver disponível e reservar algum tempo para si, para reflexão e rejuvenescimento. Algumas associações são especializadas em dar assistência a mulheres que estão sós.

A mulher que volta: para a escola ou para a profissão. As mulheres que decidem voltar a estudar ou para uma carreira depois de muitos anos em casa enfrentam um conjunto de problemas. As mulheres que são divorciadas

ou viúvas tem de lamentar o que aconteceu e precisam começar a tomar conta de si mesmo e de suas famílias com todas as escolhas, experiências e ansiedade envolvidas nesta tarefa. Outro grupo de mulheres que "voltam" estão hoje enfrentando a síndrome do "ninho vazio". Estas mulheres são aquelas cujos filhos cresceram e deixaram o lar, passando então a enfrentar um mundo com o qual elas tem pouca familiaridade. Um outro grupo ainda, são as que voltam para escola ou a uma profissão que elas sempre pretenderam mas que ficaram em casa enquanto seus filhos eram pequenos. As mulheres deste grupo parecem ter menos dificuldades de tempo ao retomar porque elas ficaram fora da escola ou do trabalho o menor período de tempo. Entretanto, todas as mulheres que retornaram à escola ou ao trabalho enfrentaram os desafios e medos do desconhecido, de caminhar em uma situação que não é familiar. As mulheres que voltam a estudar confrontam-se com os jovens cujos ideais e pontos de vista elas não conseguem compartilhar e cujas confidências elas acham desanimadoras.

Sharon voltou à escola para completar seu bacharelado depois de dez anos em casa e com as crianças. Ela está convencida que seu cérebro está atrofiado depois de uma firme dieta de Mamãe Ganso.

Ela não consegue se imaginar competindo com os alunos brilhantes, faladores que a cercam na classe. Ela enfrenta a situação tomando muitas notas e está apavorada com a displicência dos alunos jovens. Ela se encontra desencorajada e deprimida quando estes aparentemente descuidados alunos obtêm melhores resultados do que ela nos exames. Ela tem medo de falar em voz alta na classe e fica embaraçada de deixar o professor saber que suas explicações não estão claras para elas. O que ela realmente precisa é de um grupo de apoio de mulheres como ela que possam compartilhar entre si preocupações e triunfos.

As mulheres que voltam ao mundo do trabalho provavelmente irão experimentar muitas das incertezas da mulher estudante. Ela pode questionar sua competência e ao mesmo tempo sentir que pode desempenhar trabalhos mais significativos e desafiadores. Ela pode comparar a si mesmo de modo desfavorável em relação a seus colegas que estiveram trabalhando enquanto ela ficava em casa. Se ela foi treinada profissionalmente antes de parar para cuidar da família, ela pode ser desencorajada pelo fato de ter ficado para trás e o quanto que tem de percorrer. Zanar (1977) relata sua própria experiência de voltar a estudar e trabalhar. Ela procurou um programa de graduação em tempo parcial por causa de sua dedicação à família. Depois de completar o programa, ela teve mais dificuldade ainda quanto ao tempo para arrumar um emprego. Ela precisava de horários flexíveis e tinha problema de condução.

Angustuada com sua experiência, ela concluiu que sua volta à escola tinha sido um "rompimento". Embora nem todas as mulheres experimentem esse tipo de desilusão, o sistema não é preparado para acomodar as dificuldades das mulheres que voltam.

ASPECTOS GERAIS

Tem se feito vigorosas tentativas para explicar as necessidades especiais das mulheres. Os dados não negam que as mulheres estão completando sua educação e procurando seguir carreiras em número cada vez maior, quer junto com o casamento ou a criação dos filhos ou depois de se desincumbir das responsabilidades familiares. De certo modo, as mulheres tendem a não estar satisfeitas com empregos que simplesmente as remuneram com o salário. Elas estão procurando os mesmos tipos de satisfação que os homens: trabalho significativo, salários compatíveis e possibilidade de progresso.

Uma das questões despertadas pela pretensão de mulheres em um novo estado, o desejo de uma carreira madura, geralmente tem auxiliado os papéis que a esposa mãe têm assumido como um desenvolvimento de sua socialização. A questão de como manipular tais papéis dando a cada um o seu justo valor ou deixando de lado um ou mais, tem levado as mulheres a procurar ajuda ou informações. As mulheres, com muita contrariedade descobrem que não podem ser "tudo para todos" e procuram formas de resolver seus conflitos. Diversas formas de resolver os conflitos tem sido tentadas. O casamento igualitário, onde nenhum dos parceiros abandona qualquer coisa mas cada um divide todas as responsabilidades igualmente, é uma resposta. Embora o conceito pareça atender as necessidades de ambos os parceiros, existem poucos casamentos igualitários que sejam verdadeiros, devido provavelmente não ao modelo mas aos arranjos. Ambos os parceiros. Frequentemente desejam dividir as responsabilidades igualmente; ainda assim, as mulheres mais frequentemente, aguentam o repuxo de tomar conta de casa e cuidar das crianças.

Muitas mulheres estão adiando o casamento e as responsabilidades familiares até que suas carreiras estejam bem encaminhadas e elas possam se dar ao luxo de arranjar tempo para o casamento e para a família. Alguns sugerem que o casamento como uma segunda carreira possa ser uma resposta para a mulher no futuro. Uma resposta mais drástica aos conflitos de papéis pode ser a mulher simplesmente não se casar. Embora exista um

estigma associado à mulher não casada, existe também sinais de que a mulher profissionalmente bem sucedida é invejada. De qualquer modo, existem óbvias desvantagens para a mulher que vive só. A ausência de um relacionamento estável com um homem ou um estilo de vida, constroem uma série de relações que podem ser estressantes para certas mulheres, assim também como para muitos homens.

Outra resposta para a mulher engajada na carreira que já casou e constituiu uma família é largar o papel desgastante e se divorciar. O preço emocional para essa solução é muito alto; no entanto diante de inevitáveis pressões associadas como carreira, casamento e filhos, mais e mais mulheres estão escolhendo ficar fora do casamento. A mulher profissional solteira é, hoje em dia, um fenômeno comum.

Uma solução igualmente penosa é não ter filhos. As mulheres que escolhem esta opção sentem que elas podem administrar os desgastes da profissão e as demandas de um relacionamento primário, mas a vinda de filhos poderia ser demasiado. Para as mulheres que foram educadas para acreditar que a sua verdadeira razão de ser seria procriar, a decisão de não ter filhos é realmente difícil.

Nenhuma das soluções que a mulher experimenta para o conflito de papéis é ideal. Uma solução menos penosa seria modificar a socialização de meninas e meninos de modo que nenhum dos sexos experimentassem os conflitos que sofrem hoje. Epstein (1973) sugere que devemos encorajar as moças a aprender matemática e ciências ao invés de continuar a segregá-las em cursos não especializados. Nos precisaríamos também estender às nossas filhas o privilégio de não ser superprotegidas. Como Baumrind (1974) aponta, o encorajamento dos pais para a independência e a realização ao mesmo tempo em que se tente evitar a superproteção, facilita o desenvolvimento da competência. Deste modo, as mães que encorajam a competência e a assertividade e que não acentuam os traços relacionados à aceitação social e à conformidade, provavelmente terão filhas que perceberão a si mesmas como competentes, assertivas e independentes (Baruch, 1974). Nós precisamos estender as oportunidades de ambos os sexos de modo que as crianças possam ir atrás do que lhes interessa como pessoa, ao invés de se circunscrever aos comportamentos adequados aos seus papéis. Os meninos continuarão a jogar futebol e brincar com armas e as meninas continuarão a brincar com bonecas. Mas, as meninas poderiam não ser desencorajadas de lidar com kits de química, assim como os meninos precisariam aprender a ajudar a pôr a mesa, fazer comida e lavar sua roupa.

Broverman et al (1970) investigaram um grupo mixto para ajudar em qualidades que eles prescreveram para categorias de personalidades saudáveis. Eles chegaram à conclusão que os adjetivos que psiquiatras, psicólogos e sociólogos usaram para descrever adultos saudáveis combina, de certa forma, com os usados para homens saudáveis. As qualidades atribuídas às mulheres eram diferentes às dos adultos saudáveis. Suas descrições sugerem que a mulher saudável difere do homem saudável por ser mais submissa, menos independente, menos aventureira, mais facilmente influenciada, menos agressiva, menos competitiva e mais emocional. Se a ideologia determina que as mulheres são intrinsecamente menos saudáveis pelos padrões adultos, então, a reeducação emocional precisa começar mais cedo para as mulheres. Em um estudo recente, as pessoas foram solicitadas a relatar as características favoráveis e desfavoráveis de homens e mulheres. Dos 37 traços possíveis, os homens foram percebidos como possuindo 29 características favoráveis e apenas 8 desfavoráveis. A dicotomia para as mulheres no entanto, apareceu de forma diferente. As mulheres foram percebidas como tendo 20 características favoráveis e 17 desfavoráveis (Bartleson & Cangemi, 1983). De certo modo, quando os homens são bem sucedidos, a sociedade geralmente vê este sucesso como positivo e atribui isto à habilidade, talento e dedicação. Quando a mulher tem sucesso, isto é visto como uma aberração estatística e muitas vezes atribuído a fatores externos como a sorte (Bartleson & Cangemi, 1983). As mulheres precisam se unir para mudar esta percepção geral da sociedade, se estiverem afim de tirar proveito dos benefícios do seu trabalho penoso e da sua determinação.

Concluindo, com as oportunidades e escolhas do Movimento Feminista, e as mudanças nos costumes sociais e econômicos, apareceram previsíveis problemas, desafios e confusão de papéis para ambos os sexos. Este artigo focalizou a mulher contemporânea em uma tentativa de sensibilizar as pessoas para as necessidades especiais e os problemas com os quais a mulher precisa se debater. Enquanto que as forças que influenciam a mulher hoje tem tido um forte impacto sobre o homem, as acomodações que eles precisam fazer são diferentes, embora não menos desafiadoras. Entre os anos 1990 e 2000, aproximadamente 85% de todos os novos trabalhadores serão constituídos por mulheres, minorias e imigrantes (Solomon, 1990). Para que a sociedade possa verdadeiramente melhorar e florescer, é necessário que finalmente as pessoas sejam vistas como pessoas únicas, com talentos individuais e não como membros de um grupo particular.